



O CÓDIGO LINGUÍSTICO DE ADOLESCENTES EM REGIME DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Rodrigo Mazer Etto

(UEPG - Mestrado)

Valeska Gracioso Carlos

(UEPG - Doutora/ Prof^a Adjunta)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Rodrigo Mazer Etto é licenciado em Letras- Língua Portuguesa e Inglesa pela Unifai - Universidade Adamantina Integrada. Possui especialização em Língua Portuguesa e Literaturas pela Faculdades SECAL e é mestre em Estudos da Linguagem Pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Valeska Gracioso Carlos é professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

RESUMO	ABSTRACT
<p>O objetivo deste trabalho é identificar os sentidos de algumas expressões linguísticas utilizadas por adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade em um Centro Socioeducativo, e constatar a possível dicionarização desses itens lexicais no dicionário Houaiss (HOUAISS, 2011). A metodologia de geração e coleta de dados foi realizada sob uma perspectiva qualitativa através da aplicação de entrevistas narrativas previamente elaboradas pelo autor, as quais seguiram orientações de Labov (2008) e Tarallo (2003). As análises das entrevistas possibilitaram levantar um <i>corpus</i> de 260 itens lexicais utilizados pelos entrevistados, dos quais constatou-se que 40 se encontram no referido dicionário com o mesmo sentido atribuído pelos entrevistados – o que pode indicar que estes itens já migraram da condição de linguagem restrita a um grupo social específico para a linguagem comum, de conhecimento e uso por pessoas externas ao grupo -; 64 itens se encontram dicionarizados, embora com um sentido diferente do atribuído pelos informantes – o que aponta o caráter polissêmico dessa linguagem – e 156 termos não se encontram dicionarizados em Houaiss (2011) – o que permite inferir a presença de neologismos nesse vocabulário adolescente, em que palavras novas são criadas para designar coisas, pessoas, objetos, sensações, alimentos e drogas.</p>	<p>The objective of this work is to identify the meanings of some linguistic expressions used by adolescents who comply with socio-educational measures of deprivation of liberty in a Socioeducational Center, and to verify the possible dictionalization of these lexical items in the Houaiss dictionary (HOUAISS, 2011). The data generation and data collection methodology was carried out under a qualitative perspective through the application of narrative interviews previously elaborated by the author, which followed guidelines of Labov (2008) and Tarallo (2003). The analysis of the interviews allowed to raise a corpus of 260 lexical items used by the interviewees, of which 40 were found in the dictionary with the same meaning as the interviewees - which may indicate that these items have already migrated from restricted language to a specific social group for common language, for knowledge and use by people outside the group -; 64 items are worded, albeit with a different meaning from those attributed by informants - which points out the polysemic character of this language - and 156 terms are not dictionary-based in Houaiss (2011) - which allows us to infer the presence of neologisms in this adolescent vocabulary, in which new words are created to designate things, people, objects, sensations, food, and drugs.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Sociolinguística; Variação linguística, adolescentes privados de liberdade.	Sociolinguística; Linguistic variation, Adolescents deprived of their liberty.

INTRODUÇÃO

Hoje em dia a relação entre língua e sociedade é aceita por muitos pesquisadores que se dedicam ao estudo da língua e, apesar de algumas teorias da linguagem apresentarem interpretações diversas dos fenômenos linguísticos, aproximando-os ou distanciando-os do seu papel na vida social, os estudos sociolinguísticos comprovam ser inegável a relação entre língua e grupos sociais, sendo, portanto, imprescindível o entendimento desse vínculo quando se discute o fenômeno linguístico.

A Língua oficial falada no Brasil dispõe de muitas variedades para os indivíduos e grupos sociais se comunicarem, sendo uma delas a linguagem praticada pelos internos de um Centro Socioeducativo - CENSE - que faz com que o processo comunicativo desses adolescentes se realize de maneira eficaz. Essa variedade linguística peculiar, também conhecida como gíria de grupo (PRETI, 1984), possibilita a interação comunicacional entre seus integrantes e se caracteriza pela presença de palavras com sentidos diversos do original.

A Sociolinguística permite estudar esse fenômeno de variação na linguagem, pois considera que toda língua falada apresenta variações decorrentes da heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, as quais são identificadas e analisadas por meio de pesquisas de campo, em que o pesquisador registra, descreve e analisa diferentes falares, relacionando as variações com fatores socioculturais e ideológicos relacionados ao falante e ao grupo social em que este se encontra inserido.

A escolha de se analisar a linguagem praticada por adolescentes internos de um Centro Socioeducativo deve-se a três fatores: o primeiro relaciona-se ao fato do autor deste trabalho ter atuado profissionalmente, durante 15 anos, em uma unidade prisional, onde foi possível perceber que a constante vigilância, a privação de liberdade e a convivência forçada entre indivíduos com históricos de vida geralmente ligados à violência, favoreciam o uso de uma linguagem peculiar, simbólica e de fácil compreensão para quem pertencia ao grupo geral de presos.

O segundo motivo refere-se ao grande e crescente contingente de adolescentes cumprindo medidas privativas de liberdade no Brasil - algo em torno de 58.079 menores - segundo o Cadastro Nacional de Adolescentes em Conflito com a Lei (BRASIL, 2016); e o terceiro deve-se ao fato de a adolescência ser uma fase do desenvolvimento humano na qual o indivíduo encontra-se vulnerável às influências do meio, por sofrer significativas transformações físicas, psíquicas e emocionais, etapa de vida na qual muitos valores são contestados, repensados e modificados de acordo com vários fatores, dentre os quais o ambiente em que o adolescente vive e o grupo ao qual pertence ou deseja pertencer (ERIKSON, 1994).

Tendo como objetivo principal a identificação do significado de itens lexicais coletados junto a adolescentes em regime de privação de liberdade, e a possível dicionarização desses itens, a primeira parte do trabalho apresentará questões relativas à metodologia utilizada e o segundo tópico abordará a análise dos dados obtidos.

1 MÉTODO DE GERAÇÃO E COLETA DE DADOS

Sendo de natureza sociolinguística, este trabalho teve como referência a famosa dissertação de mestrado de Labov - considerado o criador dessa área de estudos linguísticos - pois o objetivo também foi o de “estudar as variações linguísticas, suas estruturas, significados e evolução no contexto social de determinada comunidade” (LABOV, 2008, p. 173).

Através de sua famosa dissertação de mestrado sobre as variações do inglês utilizado por habitantes da ilha de *Martha's Vineyard* (LABOV, 2008), realizado em 1963, Labov analisou a relação entre fatores sociais como etnia, sexo, ocupação e idade com a linguagem usada pelos nativos dessa ilha localizada no estado americano de *Massachusetts*, focalizando seu estudo na pronúncia de certos fonemas do inglês falado por essas pessoas. Ele constatou que o uso dos ditongos *au* e *ay* servia para os falantes se identificarem como nativos, contrapondo com as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha, o que mostrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, servia para a construção de sua identidade social, como descendentes dos *Yankees*, o grupo étnico que colonizou a ilha no século XVII.

Esses habitantes ressentiam-se da presença dos veranistas do continente, considerando sua presença uma invasão cultural e econômica e, portanto, marcavam a pronúncia desses ditongos como forma de resguardar sua cultura e seu espaço. Por outro lado, essa pesquisa também revelou que o uso da forma padrão, de maior prestígio, demonstrava um sentimento de insatisfação, uma vontade de deixar a ilha, ou seja, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos.

Por não ter a finalidade de gerar dados estatísticos, mas sim o de permitir o entendimento da natureza heterogênea da linguagem como um fenômeno social, o presente trabalho também adotou o método qualitativo, realizado por meio da aplicação de entrevistas narrativas a oito adolescentes internos do Centro de Socioeducação de Ponta Grossa, considerando-se que “os pesquisadores qualitativos escolhem os participantes proposadamente e integram pequenos números de casos segundo sua relevância” (FLICK, 2013, p. 23).

Dessa forma, o método qualitativo mostrou-se adequado para a finalidade deste

trabalho, pois possibilitou a obtenção de dados descritivos através de uma maior proximidade entre o pesquisador e o fenômeno analisado, enfatizando o processo de interação. De acordo com Uwe Flick (2013, p. 23), a vantagem da abordagem qualitativa é que “a análise detalhada e exata de alguns casos pode ser produzida, e os participantes têm muito mais liberdade para determinar o que é importante para eles e para apresentá-los em seus contextos”.

Alguns cuidados metodológicos propostos por Labov (2008) foram observados na etapa de geração e coleta de dados, no sentido de se tomar precauções para evitar ou minimizar possíveis influências negativas decorrentes da presença do pesquisador e do gravador diante do entrevistado, o que ele denominou de ‘paradoxo do observador’.

Essa recomendação consiste em observar e registrar, sem ou com poucas interferências, as falas dos entrevistados, através do uso da entrevista sociolinguística, previamente estruturada por meio de um roteiro de perguntas pré-estabelecido, em que o pesquisador estimule o entrevistado a narrar algumas experiências pessoais, fazendo-o focar sua atenção nas suas próprias lembranças e não no processo de entrevista, tirando do informante qualquer tipo de preocupação com a forma ou com a estrutura narrativa, permitindo que o processo comunicativo ocorra de maneira natural.

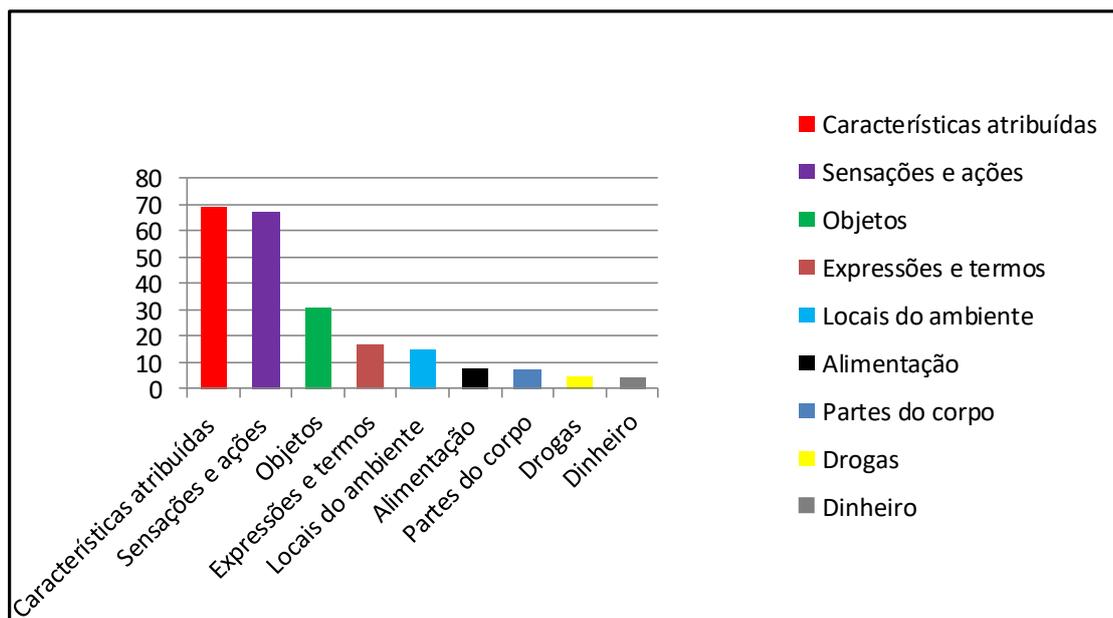
Portanto, a própria orientação teórica da Sociolinguística recomenda muito cuidado do pesquisador para se manter neutro durante a interação com o entrevistado, sendo que essa precaução também inclui que se evite falar que o objetivo principal é o estudo da fala.

Visando atender a essas recomendações, foram elaboradas entrevistas narrativas, de caráter aberto e descritivo, que estimularam os participantes a narrarem a rotina vivida na instituição, o relacionamento com os outros internos, as regras paralelas que ditam o comportamento e a postura dos adolescentes, o que permitiu identificar como os entrevistados nomeavam determinados objetos, situações e pessoas, de acordo com as regras linguísticas adotadas pelo grupo geral de internos.

As entrevistas duraram em média duas horas cada e foram aplicadas individualmente a oito internos da instituição, todos do sexo masculino e com idades que variavam dos 15 aos 18 anos. As respostas dos entrevistados, registradas em gravador portátil, e posteriormente transcritas, permitiram identificar 260 termos e expressões típicas do vocabulário utilizado por esse grupo social.

Para facilitar o tratamento dos dados, os termos coletados nas entrevistas foram agrupados em nove campos semânticos, pois assim é possível trabalhar com os sentidos que uma única palavra apresenta quando inserida em contextos diversos, conforme ilustra o gráfico 1:

Gráfico 1 – Campos semânticos



Fonte: O autor.

A classificação desses itens de acordo com seus campos semânticos demonstrou que os campos 'sensações e ações praticadas' e 'características atribuídas aos outros' foram os que apresentaram um maior número de elementos: 76 itens contidos no primeiro e 67 itens no segundo. Por outro lado, os campos semânticos 'drogas', 'dinheiro' e 'partes do corpo' foram os que apresentaram o menor número de itens: 11, 10 e 8 respectivamente.

2 DISCUSSÃO E ANÁLISE

A variedade linguística praticada pelos internos do CENSE também é conhecida como gíria de grupo, e consiste numa forma peculiar de expressão que se diferencia da variedade padrão, sobretudo no aspecto semântico-lexical, em que as palavras adquirem outros sentidos, o que dificulta a compreensão de quem não pertence ao referido grupo.

Esse vocabulário surge em decorrência do isolamento social do adolescente interno e indica uma reação e contestação aos valores e padrões socioculturais impostos pela ideologia da sociedade mais ampla, visto que, "falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao uso aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade" (PRETI, 1984). Dino Preti (1984), considerado um dos maiores estudiosos da gíria, classifica essa linguagem em: gíria comum – aquela que migrou da condição de linguagem de grupo restrito para a linguagem comum da sociedade -, e gíria de grupo – aquela praticada, restritamente, por integrantes de um grupo social específico.

Nesse sentido, apesar deste trabalho ter como foco a linguagem utilizada pelo grupo de internos do CENSE – a gíria de grupo -, também foi possível constatar a presença da gíria comum, pois muitos termos oriundos dessa linguagem já se encontram dicionarizados e, portanto, acessíveis à sociedade mais ampla.

Pela perspectiva de signo de grupo, essa variedade linguística pode ser definida como um vocabulário restrito aos internos que compartilham o mesmo grupo social – ligado à vida no crime, à desestruturação familiar e ao consequente cumprimento de medidas socioeducativas - sendo que o domínio do seu caráter secreto pode significar a inclusão do falante no referido grupo.

Para Preti (1984), o caráter criptológico da gíria de grupo possibilita a constante renovação do seu vocabulário, que é usado como forma de identificação do falante para marcar seu conflito com a sociedade. Essa posição coincide com o apontamento de Remenche (2003, p. 24), quando esta afirma que a gíria é “uma linguagem que utiliza palavras ou frases não convencionais que expressam coisa nova ou velha, através de uma nova forma de expressão”.

Assim, no intuito de fazer um paralelo entre os sentidos dos termos e expressões utilizadas pelos internos e os sentidos que constam em dicionário, foi utilizado o ‘Dicionário Houaiss Conciso’ (HOUAISS, 2011) para identificar a presença ou ausência de tais termos e expressões, seu significado literal e também para verificar se os sentidos dos itens coletados coincidem com os significados contidos no referido dicionário.

A seguir, os itens lexicais mais recorrentes na etapa de geração e coleta de dados foram analisados quanto ao sentido fornecido pelos entrevistados (figurado) e à definição que consta no referido dicionário.

Características atribuídas aos outros:

À pampa – estar tranquilo, sossegado. O dicionário registra somente o termo ‘pampa’ (HOUAISS, 2011, p. 695), mas sem a acepção correspondente àquela utilizada pelos entrevistados. Não dicionarizado.

Aliado – alguém de confiança com quem se pode contar. Segundo Houaiss (2011, p. 43), “1 (o) que se liga a outro para defender a mesma causa ou atacar o mesmo inimigo”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Areieiro – quem falta com a verdade. Houaiss (2011, p. 76) somente apresenta a palavra ‘areia’, mas não com o significado obtido nas entrevistas. Não dicionarizado.

Atrasa-lado – quem prejudica os outros. O dicionário registra o termo “atrasar” (HOUAISS, 2011, p. 95) como “3 *fig.* impedir o progresso de; prejudicar”, mas não registra a expressão em sua forma composta. Não dicionarizado.

Baba-ovo – aquele que fica bajulando outra pessoa. Houaiss apresenta o termo (2011, p.

105) como “s.2 g.*infrm.* o que adula; bajulador.” Dicionarizado com o mesmo sentido.

Boy – pessoa de alto poder aquisitivo e status social. Forma reduzida de playboy (HOUAISS, 2011, p. 732): “s. m. rapaz, geralmente rico, solteiro e ocioso, cuja vida social e esportiva é intensa”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Cabuloso – aquilo ou aquele que é considerado esquisito, estranho. De acordo com Houaiss (2011, p. 147), “4 complicado, obscuro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Cagueta – quem delata um companheiro. Não dicionarizado.

Cagão – quem tem medo. Houaiss (2011, p. 151) somente apresenta o termo cagaço como “2 falta de coragem; covardia”. Apesar de parecidos, o dicionário não registra o termo obtido nas entrevistas. Não dicionarizado.

Chapado – característica de quem está cansado de fazer alguma coisa. Houaiss (2011, p. 186) registra esse item como “2 *fig. Binfrm.* que está exausto, deprimido ou drogado”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Carroça – quem copia ou imita as palavras ou as atitudes dos outros. Para Houaiss (2011, p. 169), “1 carro *ger.* de madeira puxado por animais”. Dicionarizado com sentido diferente.

Considerado – quem é estimado pelo grupo. O dicionário somente apresenta o item “considerável” (HOUAISS, 2011, p. 224) como “digno de consideração”. Não dicionarizado.

Coroa – mãe. Segundo o dicionário (HOUAISS, 2011, p. 237), “7 pessoa de meia-idade”. Dicionarizado com sentido diferente.

Descalço – desarmado. Segundo Houaiss (2011, p. 276), “*adj.* 1 sem calçados 2 não pavimentado”. Dicionarizado com sentido diferente.

Desumilde – quem não tem humildade. Não dicionarizado.

Duas caras – quem é falso, traidor. Não dicionarizado.

Em choque – abalado, assustado. Não dicionarizado.

Embaló – quem não tem opinião própria. Conforme Houaiss (2011, p. 333), “s. m. 1 balanço 3 *infrm.* agitação, euforia”. Dicionarizado com sentido diferente.

Flor – quem tem orientação homoafetiva. Em Houaiss (2011, p. 444), “s. f. órgão das plantas responsável pela reprodução, geralmente colorido e perfumado”. Dicionarizado com sentido diferente.

Função – atividade ou meta a ser cumprida. Segundo Houaiss (2011, p. 458), “s. f. 1 obrigação a cumprir, papel a desempenhar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Gambé – policial ou representante de órgão vinculado à segurança pública. Não dicionarizado.

Isqueiro – adolescente que gosta de ver confusão, que fomenta intrigas. Conforme Houaiss (2011, p. 558), “s. m. objeto, geralmente usado por fumantes, que ao ser acionado

acende uma pequena chama". Dicionarizado sentido diferente.

Crocodilo – quem ataca verbal ou fisicamente pelas costas. Segundo Houaiss (2011, p. 247), “s. m. grande réptil de pele grossa, focinho longo com grandes dentes cônicos, mandíbulas fortes, pernas curtas terminadas em garras e cauda longa”. Dicionarizado com sentido diferente.

Ladrão – quem se envolve com furto ou roubo de objetos ou dinheiro. De acordo com Houaiss (2011, p. 572), “adj. s. m. 1 (aquele) que rouba, furta”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Mano – ver ‘maluco’. Forma reduzida de ‘irmão’. Segundo Houaiss (2011, p. 611), “s. m. *infrm* 1 irmão 2 amigo, camarada, colega”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Mina – namorada. Forma reduzida de menina. De acordo com Houaiss (2011, p. 636), “s. f. 1 jazida 2 escavação na terra para extração de minérios 3 carga explosiva [...] 4 nascente de água”. Dicionarizado com sentido diferente.

Morgado – cansado, fadigado. Conforme Houaiss (2011, p. 649), “s. m. 1 herança destinada apenas ao filho mais velho”. Dicionarizado com sentido diferente.

Mula – tirar sarro de alguém. Segundo Houaiss (2011, p. 652), “s. f. fêmea do mulo”. Dicionarizado com sentido diferente.

Novato – interno recém-chegado na unidade. Segundo Houaiss (2011, p. 670), *adj.* 1 inexperiente; sem vivência s. m. 2 principiante. Dicionarizado com mesmo sentido.

Peidão – quem só faz coisa errada. Ver cobaia. Forma aumentativa de peido. Não dicionarizado.

Piolho – adolescente que já cumpriu bastante tempo de internação. Segundo Houaiss (2011, p. 727), “s. m. inseto sem asas, com peças bucais sugadoras, que se alimenta de sangue de mamíferos, mesmo do homem; muquirana”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pilantra – quem engana ou prejudica outra pessoa. Conforme Houaiss (2011, p. 725), “*adj.* 2g. s. 2g. *infrm.* que (m) é mau caráter, trapaceiro, artiloso, malandro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Retardado – quem não se preocupa em manter um bom comportamento na unidade. De acordo com Houaiss (2011, p. 820), “*adj.* s. m. 1 (indivíduo) cujo desenvolvimento mental está aquém da média normal para sua idade”. Dicionarizado com sentido diferente.

Tô de cara – indignado. Não dicionarizado.

Tô de lara – com fome. Não dicionarizado.

Tô lesado – cansado. Não dicionarizado.

Tô no veneno – com raiva. Não dicionarizado.

Tongo – abobalhado. Não dicionarizado.

Um-cinco-cinco – quem pratica furto. Expressão extraída do artigo 155 do Código Penal

Brasileiro, relativa ao ato criminal de furto. Não dicionarizado.

Zoador – quem tira o sarro. Não dicionarizado.

Viado – quem tem orientação homoafetiva. Ver ‘flor’. Houaiss (2011, p. 950) apresenta “veado” como “2 *fig. gros.* homossexual do sexo masculino”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Sensações e ações praticadas:

Adianto – melhora de determinada situação. Não dicionarizado.

Agá – esperar alguém ou algum acontecimento. De acordo com Houaiss (2011, p. 30), “*s. m.* nome da letra agá”. Dicionarizado com sentido diferente.

Agachamento – procedimento de fiscalização a que são submetidos os adolescentes visando a identificação de possíveis objetos não autorizados, que podem ser portados pelos internos no interior de suas roupas ou corpo. Segundo Houaiss (2011, p. 30), “*s. m.* 1 ato ou efeito de agachar-se; abaixamento, acocoramento”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Bater a blindada – alimentar-se. Não dicionarizado.

Bronca – qualquer tipo de ato infracional que levou o infrator ao regime de internação. De acordo com Houaiss (2011, p. 139), “*s. f. Binfrm.* 1 repreensão áspera 2 reclamação ou crítica a respeito de pessoa ou estado de coisas”. Dicionarizado com sentido diferente.

Caçar assunto – provocar alguém, arrumar confusão. Não dicionarizado.

Calçar o peito – pôr a camisa ou blusa. Não dicionarizado.

Cambau – agressão física. Não dicionarizado.

Cena – qualquer situação a que se faz referência. Segundo Houaiss (2011, p. 180), “*s. f.* 1 palco 2 subdivisão de uma peça teatral”. Dicionarizado com sentido diferente.

Chocar – esperar demoradamente por algo ou alguma situação. Segundo Houaiss (2011, p. 189), “*v. int. fig.* 3 esperar por muito tempo”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Clarear – ser agraciado com alguma coisa. Segundo Houaiss (2011, p. 198), “*v. t. d. e int.* 1 tornar(-se) claro; iluminar-se”. Dicionarizado com sentido diferente.

Condena – condenação. Forma reduzida de condenação. Embora Houaiss (2011, p. 217) apresente o termo “condenação” como “2 sentença condenatória 3 pena imposta por sentença”, considerou-se somente o uso da forma reduzida. Não dicionarizado.

Dar atenção – ouvir alguém falar. Houaiss apresenta o verbete “atenção” (2011, p. 92) como “*s. f.* 1 concentração da atividade mental sobre algo [...] 2 cuidado, zelo com algo ou alguém”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Dar milho – cometer atitude não admitida pelos internos. Não dicionarizado.

Dar um pega – cheirar cocaína. Houaiss apresenta o verbete “pegar” (2011, p. 711) como “*v. t. d. e. i.* 1 segurar, prender. Não dicionarizado.

Debater – discutir. De acordo com Houaiss (2011, p. 257), “*v. int.* 1 entrar em discussão; alterar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

De mil grau – coisa, acontecimento ou pessoa muito agradável, prazerosa. Não dicionarizado.

Desavença – ver desacordo. De acordo com Houaiss (2011, p. 275), “*s. f.* 1 conflito entre pessoas por falta de concordância sobre algo; discórdia”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Dormir na pedra – estar em situação desconfortável, desagradável. Não dicionarizado.

Enquadrar – abordar uma pessoa visando roubá-la. De acordo com Houaiss (2011, p. 356), “*t. d.* 1 pôr em moldura [...] 5 *B gíria* deter para averiguações”. Dicionarizado com sentido diferente.

Estar azul – estar atento, esperto. Não dicionarizado.

Estar de lança – estar preparado para alguma ação imprevista. Não dicionarizado.

Estar na alimentação – momento em que é servida a refeição. Não dicionarizado.

Estar ligado – ficar atento. Não dicionarizado.

Estrutural – inspeção feita pelos educadores nos alojamentos dos internos. Segundo Houaiss (2011, p. 405), “*adj.* 2g. 1 relativo a uma estrutura qualquer 2 que ocorre em uma estrutura ou com ela se relaciona”. Dicionarizado com sentido diferente.

Fazer a ponte – pegar algo para outrem. Não dicionarizado.

Fazer jogo – trocar algum objeto com outra pessoa. Não dicionarizado.

Fazer uma média – ficar em silêncio, aquietar-se. Não dicionarizado.

Ficar na corda – Aguardar, sem sucesso, o auxílio de outrem. Não dicionarizado.

Ficar no suíno – medida disciplinar na qual o adolescente, em virtude de cometimento de falta grave, fica impedido de sair de seu quarto para atividades socioeducativas. Não dicionarizado.

Guento – furtar ou roubar. Não dicionarizado.

Jogar areia – mentir. Não dicionarizado.

Lance – situação ou acontecimento. Segundo Houaiss (2011, p. 575), “4 *Binfrm.* o que acontece, aconteceu ou pode acontecer; episódio, fato”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Ligar – chamar alguém. Segundo Houaiss (2011, p. 587), “3 pôr em comunicação; unir [...] 11 dar importância, atenção para; interessar-se”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Magar – gostar de algo. Não dicionarizado.

Mancada – erro, gafe. De acordo com Houaiss (2011, p. 608), “2 *fig. B infrm.* atitude, comportamento com resultado insatisfatório ou negativo; falha, erro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Marretão – agressão física que consiste em dar um soco no tórax de outro adolescente.

Essa atitude faz parte do código paralelo de conduta determinado pela população adolescente da instituição. Houaiss (2011, p. 617) apresenta o verbete “marreta” como “*s. f. martelo de ferro com cabo longo*”. Não dicionarizado.

Mocozar – esconder algo. Não dicionarizado.

Negar voz – ignorar o chamamento de alguém. Apesar de Houaiss apresentar os termos “negar” (2011, p. 662) e “voz” (2011, p. 969), essa expressão não está presente na obra. Não dicionarizado.

Pagando ativa – fazer limpeza no alojamento. Não dicionarizado.

Pagando dentária – escovar os dentes. Não dicionarizado.

Passar a visão – explicar à alguém determinado acontecimento. Não dicionarizado.

Passar pano – proteger alguém, fingir que não viu algo errado cometido por alguém. Não dicionarizado.

Pegar pira– ficar bravo, irritado com alguém. Não dicionarizado.

Sair no cinco – tipo de luta praticada pelos internos. Segundo o informante 1, essa expressão faz referência à expressão cinco minutos, que é um tipo de luta com essa duração. Não dicionarizado.

Tirar uma brisa – tirar sarro de alguém. Houaiss (2011, p. 139) apresenta o termo “brisa” como “*s. f. vento leve e fresco; aragem*”, porém não há registro da expressão completa. Não dicionarizado.

Objetos: 40

Barca – qualquer tipo de carro. De acordo com Houaiss (2011, p. 113), “*barcas. f. embarcação de fundo raso usada para transporte de cargas e passageiros em rios e baías*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Beca – qualquer tipo de calça. Segundo Houaiss (2011, p. 117), “*s. f. 1 longa veste usada por formandos de grau superior, juízes e advogados 2 infm. roupa elegante*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Gancha–ver beca. Não dicionarizado.

Bic - instrumento que produz fogo, isqueiro. Não dicionarizado.

Brasa – Ver bic. Em Houaiss (2011, p. 137), “*s. f. carvão que arde sem chama [...] 4 fig. infm. raiva, cólera*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Bobo – relógio. De acordo com Houaiss (2011, p. 129), “*s. m. 1 palhaço do rei; bufão adj. s. m. 2 que(m) é fútil, idiota ou ingênuo; tolo*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Buti – tênis, sapato. Não dicionarizado.

Campana– espelho. Em Houaiss (2011, p. 157), “*s. f. sino*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Calibre– revólver. Segundo Houaiss (2011, p. 153), “*s. m. 1 diâmetro da parte interior de*

um cilindro 2 diâmetro interno de uma peça de artilharia". Dicionarizado com sentido diferente.

Cano – ver calibre. Em Houaiss (2011, p. 160), “1 cilindro longo e oco para escoar líquido ou gás 2 em arma de fogo, tubo por onde sai a bala”. Dicionarizado com sentido diferente.

Catatau – carta ou bilhete. Segundo Houaiss (2011, p. 174), “s. m. 1 castigo físico; pancada”. Dicionarizado com sentido diferente.

Chorona – bilhete ou carta. Ver catatau. Não dicionarizado.

Coruja – cueca. De acordo com Houaiss (2011, p. 241), “s. f. 1 ave de hábitos crepusculares e noturnos, com face em forma de coração e voo silencioso, que engole por inteiro pequenos mamíferos, insetos e aranhas, e depois vomita os pelos e fragmentos de ossos”. Dicionarizado com sentido diferente.

Espirítique – Desodorante. Não dicionarizado.

Estampa – camiseta. Segundo Houaiss (2011, p. 396), “s. f. 1 figura impressa em papel, tecido, couro etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Estoque – tipo de faca pontiaguda produzida artesanalmente. Segundo Houaiss (2011, p. 401), “2 qualquer objeto transformado em instrumento pontiagudo e cortante”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Fire – ver bic. Não dicionarizado.

Fute – jogar futebol. Forma reduzida de ‘futebol’. Não dicionarizado.

Pelota – bola e futebol. De acordo com Houaiss (2011, p. 712), “2 B a bola de futebol”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

G 2 – Aparelho de barbear. Não dicionarizado.

Lambreta – chinelo. De acordo com Houaiss (2011, p. 574), “s. f. 1 espécie de motocicleta com rodas pequenas em que é possível juntar as pernas à frente do assento; motoneta”. Dicionarizado com sentido diferente.

Luna – óculos. Não dicionarizado.

Manta – cobertor. De acordo com Houaiss (2011, p. 611), “s. f. 1 cobertor de cama. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Pano – roupa. Segundo Houaiss (2011, p. 696), “s. m. 1 qualquer tipo de tecido 2 qualquer pedaço de tecido, usado especialmente para fins domésticos. Dicionarizado com sentido diferente.

Pena – caneta. Segundo Houaiss (2011, p. 712), “2 peça, geralmente metálica, adaptada à caneta usada para escrever ou desenhar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Tinteira – Ver pena. Não dicionarizado.

Perna – Nota de cem reais. Segundo Houaiss (2011, p. 719), “s. f. 1 cada um dos membros inferiores do corpo humano”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pipa – ver catatau. Em Houaiss (2011, p. 727), “barril de madeira usado especialmente

para armazenar vinho”. Dicionarizado com sentido diferente.

Radinho – telefone portátil, celular. Não dicionarizado.

Tela – televisão. Forma reduzida de televisão. De acordo com Houaiss (2011, p. 900), “6 superfície de TV, computador etc. em que aparece a imagem”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Teresa – corda improvisada feita de lençóis. Não dicionarizado.

Expressões e termos gerais:

Bagulho – qualquer objeto, coisa ou acontecimento de que se esteja falando. Segundo Houaiss (2011, p. 107), “s. m. *infrm.* 2 qualquer objeto”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Banca– grupo de pessoas que se conhecem. De acordo com Houaiss (2011, p. 110), “s. f. 1 grande mesa rústica 2 grupo de examinadores [...] 6 local de venda de jornais e revistas”. Dicionarizado com sentido diferente.

Da hora – Legal, admirável. Não dicionarizado.

Fita – qualquer situação ou ocorrência, observada ou vivenciada. Segundo Houaiss (2011, p. 441), “s. f. ação que visa enganar ou impressionar; fingimento”. Dicionarizado com sentido diferente.

Fuja louco – Expressão que tem o sentido de discordar. Não dicionarizado.

Já era – acabado, terminado. Não dicionarizado.

Jamais – Nunca. Segundo Houaiss (2011, p. 560), “*adv.* 1 nunca 2 de modo algum”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Licença com a palavra – expressão utilizada antes de algum adolescente tomar a palavra durante as refeições. Não dicionarizado.

Magro – escasso. De acordo com Houaiss (2011, p. 603), “*adj.* 2 *fig.* Escasso, insignificante”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Mudar de xis - mudar de alojamento. Não dicionarizado.

Por que você caiu? – Por que você foi preso? Em Houaiss (2011, p. 151), “*cair v.int.* 1 ir de cima para baixo”. Não dicionarizado.

Quem você flagra na tua quebrada? – Quem você conhece na região em que mora? Não dicionarizado.

Sai fora! – Vá embora! Apesar de Houaiss apresentar separadamente os termos “sair” (2011, p. 838) e “fora” (2011, p. 447), a expressão completa não consta na obra. Não dicionarizado.

Sua cara – obrigação, dever. Essa expressão é muito utilizada pelos adolescentes internados, na intenção de obrigar alguém a fazer alguma coisa. Não dicionarizado.

Tá suave - Estar bem. Não dicionarizado.

Tá tirando – Estar ofendendo, insultando alguém. Não dicionarizado.

Tem condições de fortalecer – pedido de ajuda. Não dicionarizado.

Locais do ambiente institucional:

Barraco – quarto, alojamento feito de alvenaria. De acordo com Houaiss (2011, p. 113), “*s. m. 1 B moradia pobre de acabamento tosco*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Bocuda – porta de ferro com pequena abertura na parte superior. Não dicionarizado.

Boi – banheiro. Conforme Houaiss (2011, p. 130), “*s. m. 1 mamífero ruminante, geralmente domesticado, usado para tração e extração de carne, couro etc*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Contenção – alojamento destinado ao cumprimento de medida disciplinar. Em Houaiss (2011, p. 228), “*s. f. B ato de conter(-se) ou o seu efeito*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Ducha – banho. Segundo Houaiss (2011, p. 319), “*s. f. 1 jato de água lançado sobre o corpo com fim higiênico e/ou terapêutico*”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Externa – qualquer atividade fora do perímetro da unidade socioeducativa. Segundo Houaiss (2011, p. 418), “*s. f. TV gravação, filmagem ou emissão feita fora de estúdio*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Jega – cama de alvenaria. Não dicionarizado.

Latrô – colchão. Não dicionarizado.

Na rocha – estar submetido à medida socioeducativa de privação de liberdade. Não dicionarizado.

Tatu – buraco escavado para realização de fugas das unidades socioeducativas. Segundo Houaiss (2011, p. 898), “*s. m. mamífero desdentado, terrestre, cujo corpo é coberto por placas que formam uma carapaça*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Xis – ver barraco. Redução de xadrez. Segundo Houaiss (2011, p. 974), “*s. m. 2n. nome da letra x*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Zoiúda – ver tela. Não dicionarizado.

Alimentação:

Blindada – marmita com alimentação oferecida pela instituição aos internos, marmitex. Apesar de Houais (2011, p. 128) apresentar o termo “blindar” como “*v.t.d. 1 revestir com peça(s) ou camada(s) de metal, aço*”, o termo sob análise não conta na obra. Não dicionarizado.

Explosiva – linguiça fornecida nas refeições. Embora Houaiss (2011, p. 416) apresente o termo “explosivo” como “*s. m. 1 (substância) capaz de explodir ou de produzir explosão*” a acepção contida no dicionário não coincide com a utilizada pelos entrevistados. Não

dicionarizado.

Galeto – frango assado. Segundo Houaiss (2011, p. 465), “*s. m. B* 1 frango novo, assado no espeto”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Graxa – doce de leite. De acordo com Houaiss (2011, p. 484), “*s. f.* 1 pasta usada para lustrar couro 2 substância de origem vegetal ou animal usada na indústria alimentícia, farmacêutica, de velas, sabões e lubrificantes”. Dicionarizado com sentido diferente.

Marrocos – pão. Não dicionarizado.

Meia-lua – banana. Apesar de Houaiss apresentar os dois termos “meia” (2011, p. 624) e “lua” (2011, p. 596) com outras acepções, a expressão completa não consta na obra. Não dicionarizado.

Meiota – sobra de comida no marmiteix. Não dicionarizado.

Pá – colher de plástico utilizada pelos adolescentes na alimentação. Segundo Houaiss (2011, p. 691), “*s. f.* 1 utensílio que consiste numa lâmina larga na extremidade de um cabo comprido, usado para cavar o solo, recolher lixo etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Porva – suco em pó industrializado. Não dicionarizado.

Sadia – ver explosiva. Houaiss (2011, p. 837) somente apresenta o termo “sadio” como “*adj.* 1 que tem boa saúde; saudável”. Não dicionarizado.

Sobre – sobremesa. Forma reduzida de sobremesa. Apesar de Houaiss (2011, p. 868) apresentar o verbete “sobremesa”, sua forma reduzida não se encontra na obra. Não dicionarizado.

Partes do corpo:

Badalo – pênis. De acordo com Houaiss (2011, p. 106), “*s. m.* peça pendente no interior de sinos, sinetas etc.” Dicionarizado com sentido diferente.

Boga – ânus. Não dicionarizado.

Cofre– bunda. De acordo com Houaiss (2011, p. 204), “*s. m.* caixa ou móvel resistente onde se guardam dinheiro, documentos, joias etc.” Dicionarizado com sentido diferente.

Camito – perna. Não dicionarizado.

Juba – cabelo. Conforme Houaiss (2011, p. 564), “*s. f.* 1 crina de leão”. Dicionarizado com sentido diferente.

Mãfins – ver boga. Não dicionarizado.

Pinha – cabeça. Segundo Houaiss (2011, p. 726), “*s. f.* 1 fruto do pinheiro, geralmente em forma de cone 2 fruta do conde; ata”. Dicionarizado com sentido diferente.

Drogas:

Baseado – cigarro artesanal feito com maconha. De acordo com Houaiss (2011, p. 114), “*s.*

m. B infrm. cigarro de maconha”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Botinho – cigarro industrializado. Não dicionarizado.

Farinha – cocaína. Segundo Houaiss (2011, p. 426), “*s. f.* pó obtido pela moagem de certos cereais, sementes e raízes”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pó – ver farinha. Segundo Houaiss (2011, p. 734), “*4 B infrm.* cocaína”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Gole – qualquer bebida com teor alcoólico. Para Houaiss (2011, p. 478), “*s. m.* cada porção de líquido engolida de uma vez”. Dicionarizado com sentido diferente.

Caiçara – cigarro artesanal feito de fumo de corda enrolado em papel. Em Houaiss (2011, p. 150), “*s. f.* 1 cerca feita de varas”. Dicionarizado com sentido diferente.

Paieiro – ver caiçara. Não dicionarizado.

Dinheiro:

Cincão – nota de cinco reais. Não dicionarizado.

Deizão – nota de dez reais. Não dicionarizado.

Desco – ver deizão. Não dicionarizado.

Galo – nota de 50 reais. Em Houaiss (2011, p. 465), “*s. m.* 1 ave de bico pequeno, crista vermelha e carnuda, asas curtas e largas, e rabo com longas penas coloridas, geralmente erguidas em forma de arco”. Dicionarizado com sentido diferente.

Malote – Porção de dinheiro. Conforme Houaiss (2011, p. 607), “*s. m.* 1 pequena mala; maleta 2 serviço de entrega rápida de correspondência, documentos bancários, etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Garoupa – nota de 100 reais. Segundo Houaiss (2011, p. 468), “*s. f.* peixe marinho, de hábitos costeiros, encontrado sobre fundos rochosos ou de areia, apreciado como alimento”. Dicionarizado com sentido diferente.

Peixe – ver garoupa. Conforme Houaiss (2011, p. 711), “*s. m.* 1 animal vertebrado aquático, dotado de nadadeiras e brânquias”. Dicionarizado com sentido diferente.

Os 156 vocábulos e expressões que não se encontram dicionarizados – o que representa mais da metade do total de itens obtido (60%) -, indicam que tais itens ainda preservam o caráter restrito e secreto dessa variedade linguística, a gíria de grupo, sendo que, segundo Preti (1984, p. 32), esse falar diferente da linguagem comum “sinaliza uma agressão ao convencional e atesta o conflito desse grupo em relação à sociedade”. Os termos ‘bocuda’, ‘explosiva’, ‘blindada’, ‘fuja louco’, ‘oitão’, ‘marretão’, ‘cagão’, ‘calibrado’, ‘em choque’, ‘gambé’, ‘maquinado’, ‘peidão’, ‘dar um tapa’, ‘dar um pega’, entre outros, juntamente com seus significados, demonstram a intenção que essa linguagem tem de chocar, de enfrentamento dos valores defendidos pela sociedade de um

modo geral.

Boa parte dos vocábulos não dicionarizados é formada por meio de neologismos lexicais, em que novas palavras ou expressões são criadas com um novo conceito, como por exemplo: 'à pampa', 'areieiro', 'atrasa-lado', 'borsa', 'cagueta', 'cheio de querer', 'Falseane', 'Jurão', 'mascão', 'nóia', 'adianto', 'estar azul', 'ficar no suíno', 'magar', 'pagando ativa', 'pegar pira', 'gancha', 'campana', 'espiritique', 'ramera', 'latrô', 'porva', 'janja', entre outras.

Os 64 termos e expressões que se encontram dicionarizados com sentido diferente do utilizado pelos colaboradores, denotam o processo polissêmico empregado para atribuir novos significados a coisas já conhecidas, como por exemplo: 'caçamba', 'calçado', 'carroça', 'cobaia', 'coroa', 'descalço', 'flor', 'isqueiro', 'crocodilo', 'maluco', 'agá', 'bronca', 'beca' entre outros.

Esses itens também indicam que, embora constem no referido dicionário, os sentidos dados a esses termos pelos colaboradores mantêm o caráter fechado e restrito dessa variedade linguística, pois

as variações socioculturais da linguagem, empregadas [...] como recursos expressivos, servindo para uma comunicação mais eficiente que, conforme as conveniências sociais, bem como situações de uso, intenção dos interlocutores, podem tornar-se menos ou mais fechadas. (PRETI, 1984, p. 11)

Dessa forma, os termos e expressões dicionarizados com sentido diferente já eram de conhecimento dos participantes e foram-lhes atribuídos outros sentidos, visando manter o hermetismo que caracteriza essa variação linguística, como as palavras 'malote', 'farinha', 'pinha', 'juba', 'badalo', 'cincão', 'cisco' e 'onça', por exemplo.

Os 40 termos e expressões dicionarizados com o mesmo sentido do usado pelos entrevistados indicam que tais itens lexicais já não apresentam o caráter restrito que distingue a gíria de grupo, visto que sua dicionarização e o conseqüente alcance pelas pessoas comuns indicam que "ao vulgarizar-se para a grande comunidade assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, a gíria perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando de ser signo grupal" (PRETI, 1984, p. 3). Essa constatação reforça o argumento que o caráter secreto dessa variedade linguística – a gíria, enquanto signo de grupo – é efêmero, uma vez que os meios de comunicação em massa, os vários estilos musicais, como o *rap*, o *funk*, o *hip hop* e o cinema nacional promovem, dia a dia, um alcance cada vez maior a essa linguagem.

Como exemplos desses termos têm-se: 'aliado', 'baba-ovo', 'burrão', 'cabuloso', 'chapado', 'função', 'ladrão', 'novato', 'agachamento', 'lance', 'estoque', entre outros.

Quando um vocábulo ou expressão dessa linguagem passa pelo processo de dicionarização, seu caráter hermético vai se perdendo paulatinamente até alcançar o

estágio de gíria mais genérica, denominada por Preti de gíria comum, “fenômeno de um vocabulário parasita de limites e usos imprecisos, mas atuante e presente no léxico urbano” (PRETI, 1984, p.162). Quando alguns termos são vulgarizados, por meio de sua dicionarização, por exemplo, seus usos tendem a ser abandonados, ou, na maioria das vezes, reaproveitados pelo grupo, pois a “perda de seu caráter hermético” obrigará tal grupo demonstrar a “necessidade de defesa/agressão através de um novo valor semântico para o termo” (PRETI, 1984, 83)

Nessa transição, a marca de vocábulo gírio, embora se tenha dispersado, ainda é preservada. Na última fase da evolução semântica da gíria, a proximidade com a linguagem popular se concretiza pelo caráter recorrente do vocábulo gírio que possibilita a ampliação do grau de aceitabilidade social. Dessa forma, essa variedade linguística passa de um uso mais restrito a um uso mais amplo, deixa de representar a identidade do grupo fechado que a revelou e migra da condição de linguagem restrita a um grupo social para a condição de linguagem comum.

No caso dos termos ‘marrocos’ e ‘meia-lua’, os seus referentes (pão e banana) são sempre relacionados a outros carregados de tabu (pão=nádegas, banana=pênis), por esse motivo, seus usos podem gerar situações constrangedoras, como uma presenciada certa vez por este pesquisador: quando um interno, recém-chegado à unidade, sem conhecer bem a linguagem do grupo, disse aos demais que o remédio que acabara de consumir estava com gosto de banana. Prontamente, os demais, percebendo o sentido dúbio causado pelo uso da palavra ‘banana’, não o perdoaram e começaram a ridicularizá-lo.

Há outros termos que também são utilizados para substituir uma palavra da língua comum, considerado tabuísmo pelo grupo estudado, como os itens ‘fazer uma média’ (aquietar-se), ‘ducha’ (banho), ‘gancha’ (calça), ‘pinha’ (cabeça), cujos usos podem ser verificados nos extratos a seguir:

Inf. 6: (durante o horário de visitas, se há algum interno fazendo barulho) aí a gente pede pro cara fazer ‘uma média’.

Inf. 1: (antes das refeições) todos têm que pagar ‘ducha’!

Inf. 7: ...aí eu peço pra visita me trazer uma ‘gancha’ da hora.

Inf. 4: ... aqui tem dipirona pra dor na ‘pinha’.

A locução ‘fazer uma média’, assim como ‘ducha’ e ‘gancha’ são utilizadas para substituir termos da língua comum, pois na óptica do grupo, aquietar-se, banho e calça

são palavras femininas, ou seja, só mulheres devem utilizá-las. O uso desses termos, além de evitar ambiguidade, tem um caráter de autoafirmação da masculinidade do membro do grupo que a utiliza. Já 'pinha' é usada porque o item lexical 'cabeça', internamente, possui conotação sexual, sendo considerado sinônimo de pênis.

Quando algum interno viola as regras do grupo, como por exemplo, não usando as palavras apropriadas, esse ato é considerado 'dar milho', e deve ser cobrado negativamente, e aqueles que cometem o erro são chamados de 'milharal' ou de 'peidão'.

Outro aspecto observado pelo uso inadequado dessa variedade linguística é o caso dos adjetivos 'areieiro', 'estar azul' e 'ladrão'. Na instituição visitada é proibido chamar um interno de mentiroso, por esse adjetivo ser considerado altamente ofensivo no interior do grupo. Por essa razão, é usada a palavra 'areieiro', considerada mais branda, em termos de ofensa. Outro exemplo é o do termo 'ladrão'. Na língua comum, essa unidade lexical pode até ser considerada ofensiva em alguns contextos, mas para os infratores têm valor semântico completamente oposto, ou seja, tem valor inverso. O item lexical 'ladrão' nomeia qualquer indivíduo ligado ao mundo do crime, por isso, uma pessoa bem-vista e valorizada entre os demais; assim, 'ladrão' tem caráter valorativo, daí ser considerado uma forma de elogio.

Já a origem da expressão 'estar azul' (esperto) evidencia um aspecto interessante: ela foi criada para substituir outra palavra que já tinha tido o seu significado modificado. O termo 'ligeiro' que antes designava uma pessoa esperta, sagaz, teve seu sentido alterado para designar uma pessoa que tem costume de furtar amigos. Portanto, houve a necessidade de se criar outra expressão que se apoderasse do sentido original de 'ligeiro', daí o surgimento da expressão 'estar azul', para preencher essa lacuna.

Destaca-se, ainda, o termo 'crocodilo'. Dentro do grupo social estudado, essa palavra é utilizada normalmente para designar a pessoa que não é digna de confiança.

Pela análise realizada fica perceptível uma estreita relação entre as atitudes sociais do grupo pesquisado, alguns de seus valores e a linguagem por ele utilizada, ou seja, fica claro que suas escolhas lexicais não são algo aleatório, gratuito, mas, de fato, refletem os valores socioculturais e ideológicos que caracterizam esse grupo social, como foi observado por Labov (2008) em *Martha's Vineyard*.

Em razão disso, é possível perceber que essa variedade não serve apenas, pura e simplesmente, para a comunicação, mas também representa claramente uma manifestação de força social no âmbito do grupo. Isso fica evidenciado, sobretudo quando um novo adolescente, pela primeira vez, passa a ser interno das unidades. De acordo com relatos pessoais de alguns dos jovens entrevistados, fica claro que é muito importante, em um primeiro momento, o interno 'novato' permanecer a maior parte do tempo em silêncio, apenas observando e, dessa maneira, aprendendo, como eles mesmos dizem, a

'bolar ideia', para só depois conversar, de maneira mais tranquila, já utilizando adequadamente o vocabulário aprendido, para evitar situações constrangedoras e até perigosas como relatado anteriormente.

Pelo exposto, fica evidente a presença da "heterogeneidade sistemática" na Língua Portuguesa, a qual permite a identificação e demarcação de diferenças sociais dentro da sociedade em geral, visto que a análise do *corpus* possibilitou evidenciar como "parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio de estruturas heterogêneas" (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou demonstrar que a Sociolinguística, por contrariar a homogeneidade linguística das teorias estruturalistas, permite identificar e estudar as variações linguísticas presentes na Língua Portuguesa, como a que ocorre na linguagem praticada pelos adolescentes em regime de privação de liberdade.

Na análise do *corpus* coletado foi possível constatar que, além de possuírem um sentido literal, as palavras utilizadas pelos internos apresentam um sentido figurado, conotativo. Assim, verificou-se, *in loco*, a existência de "variantes linguísticas", que são "diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade" (TARALLO, 2003, p. 08).

A análise dos itens coletados possibilitou constatar que, dos 260 termos e expressões obtidas na pesquisa, 156 não se encontram dicionarizados na obra utilizada, o que corresponde a 60% do total coletado; 64 itens estão dicionarizados com outro sentido na referida obra, 24,5%; e 40 itens estão dicionarizados em Houaiss (2011) com o mesmo sentido utilizado pelos entrevistados, 15,5%.

Essas informações, por si só, já confirmam a importância desta pesquisa, visto que os verbetes não-dicionarizados e os dicionarizados com outro sentido representaram 84,5% do *corpus* coletado. Esse caráter fechado do *corpus* confirma a importância da pesquisa e aponta para o alcance do objetivo apresentado na Introdução. Com base nessas informações, até então pouco disponíveis na literatura acadêmica, é possível uma melhor disseminação do vocabulário utilizado por esses jovens, possibilitando uma maior compreensão do fenômeno da variação linguística, e contribuindo, assim, para uma comunicação mais eficaz entre os membros do grupo estudado.

Além disso, esses 84,5% do *corpus* coletado confirmam a base teórica (laboviana) utilizada neste trabalho, dado que fica comprovada a existência de uma "maneira alternativa de dizer a mesma coisa", desde que essa maneira seja "portadora do mesmo significado referencial" (LABOV, 2008, p. 78).

Os dados obtidos podem também auxiliar no trabalho de profissionais que lidam direta ou indiretamente com esses atores sociais, favorecendo o surgimento de novas ferramentas metodológicas que auxiliem o processo socioeducativo desses indivíduos.

A identificação dos sentidos dos termos e expressões utilizadas pelos adolescentes permite inferir que essa variedade linguística não se constitui, em sua totalidade, em uma linguagem de classes sociais, visto que, alguns itens lexicais apresentados já se encontram dicionarizados, e seus significados podem ser acessados por pessoas externas ao grupo.

Considerando que os itens coletados cujos sentidos constam em dicionários estão mais propensas a ser de conhecimento comum, e os que ainda não estão dicionarizados tendem a ser exclusivos do código linguístico praticado pelos adolescentes em regime de internação, a presença dos termos e expressões no referido dicionário pode indicar um movimento de migração desses itens, no sentido de se moverem do vocabulário adolescente para a linguagem comum, utilizada diariamente por pessoas alheias ao grupo em estudo.

A popularização dessa variedade linguística deve-se à rapidez das mudanças sociais que ocorrem na atualidade, ao acesso fácil a variados meios de comunicação e a sua presença em filmes, músicas e programas de rádio e televisão, o que denota que a linguagem padrão institucional encontra-se inserida numa tendência renovadora da linguagem usual, informal.

Os sentidos atribuídos pelos adolescentes entrevistados possibilitam inferir que essa linguagem reflete os valores culturais desse grupo social específico, e esses valores acabam por identificar e acompanhar as mudanças estruturais que ocorrem na sociedade atual como um todo, tanto sofrendo seus efeitos, quanto influenciando a produção de outros efeitos profundos na língua.

A linguagem praticada pelos internos do CENSE é influenciada pelo contexto cultural em que se localiza essa comunidade de falantes, determinando a posição social de seus integrantes, o que confere com o posicionamento de Possenti (1997, p. 37), ao afirmar que “a variedade linguística nada mais é do que o reflexo da sociedade, onde esta possui uma variedade social, caracterizando então, o papel dos indivíduos e dividindo-os em grupos, classes”.

Por fim, é relevante apontar que a linguagem dos adolescentes internos é definida por normas socioculturais que ligam esses indivíduos a um papel social, caracterizado pela contestação e não adequação aos valores e regras defendidas pela sociedade mais ampla, e os localizam à margem da sociedade, provocando uma divisão que também se reflete na língua.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Justiça. **Cadastro Nacional de Adolescentes**



em Conflito. Brasília, 2016.

ERIKSON, E. H. **Identity: Youth and crisis.** New York: Norton & Company, 1994.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Tradução Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss Conciso.** São Paulo: Moderna, 2011.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PRETI, D. **A gíria e outros temas.** São Paulo: T.A. Queiroz Edusp, 1984.

REMENCHE, M. L. R. **As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná.** 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo, Ática, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

Título em inglês

THE LINGUISTIC CODE OF ADOLESCENTS IN A LIBERTY DEPRIVATION REGIME